

JOSEPHINA

A MOÇA DA COVA DA MOÇA

**A mais triste, trágica e dolorosa história de amor acontecida em
PORTO SEGURO em meados do século XIX**

24/4/2013

Viva 1985! Viva 1985!

O clube social 22 de abril, em Porto Seguro, estava lotado. A animação, desde cedo, era muito grande, com grupos de amigos se juntando para dar adeus ao velho e saudar o novo ano que estava chegando cheio de esperanças para alguns e nem tantas para outros; o barulho da orquestra, com seus instrumentos de metais, era quase ensurdecedor. O trompete, no seu som mais agudo e estridente, se chocava contra a parede e retinia de volta nos ouvidos dos presentes, como se fosse um cortante bumerangue.

O semblante da maioria das pessoas, forçado ou não, estava alegre ou fingia estar. Eu sabia disso tudo, pois conhecia a vida de muitos daqueles que estavam ali e os problemas de alguns que fingiam não tê-los, pois aquele não era o momento nem o lugar de nenhuma demonstração que não fosse a alegria e a algazarra. Mas, naquela hora, naquele momento, também sabia, o momento não era para tristezas, mesmo que ela estivesse por perto, vigiando, o melhor era se esconder dela ou fingir que não a via. Por que demonstrar tristeza no último dia de um ano findo, mesmo que ele tivesse sido horrível para muitos? Fingir, fingir sempre, era e deveria ser a nota. Isso até poderia implicar em contágio e poderia se transformar numa epidemia. Epidemia de alegria fingida, não contida, mas de alegria.

Eu olhava para um lado, para o outro e via muitos figurantes e muitos fingimentos. Mas, que importava, se eu também era um dos fingidos? Mas aquilo era importante naquele momento. Um ou outro você até podia notar um pouquinho de não alegria, mas não era uma tristeza declarada; se assim o fosse, o melhor seria ter permanecido em suas casas. Eu até sabia que dois ou três que sequer tinham dinheiro para encarar o dia seguinte. Mas, que importava a barriga do dia seguinte? O que importava

era o seu rosto naquele momento, mesmo que no outro dia sua cabeça estourasse com a forte ressaca e os seus inúmeros problemas.

Algumas moças e rapazes pulavam desbragadamente agitando os braços e dando cotoveladas uns nos outros. Um ou outro casal se agarrava em beijos frenéticos que, se fossem dados alguns anos antes, certamente a diretoria do clube, moralista como tantas, os teriam colocado pra fora ao bem do pudor público que eles próprios determinavam o que era e o quanto era. Alguns rapazes e moças, que ainda não tinham ou não conseguiram se emparceirar olhavam aquilo com uma inveja danada que até lhes entorpeciam os pelos pubianos.

A orquestra, de metais, como toda boa orquestra de salão, tocava marchinhas de carnaval do passado, que muitos ainda se lembravam de quando eram crianças. Para muitos, aqueles tempos eram seculares; para outros, pouco importavam o tempo ou a época da música, o que importava era conseguir um par para dividi-la, não para discutir a sua idade ou o seu tempo.

Enquanto eu olhava para toda aquela algazarra, uma morena de cabelos longos, belos tornozelos, vestida de havaiana, com o umbigo de fora e um colar de flores coloridas no pescoço passava rebolando provocativamente por junto de mim, quase me tocando. Não sei se estava me dando bola. Não queria pensar naquilo. Não devia pensar naquilo. Não dava pra pensar naquilo. Meus problemas, naquele momento, eram outros. O ano tinha sido péssimo pra mim; tanto no trabalho, onde exercia a função de adjunto de promotor, porque não existia promotor na cidade, como politicamente, pois comprara sozinho, até então, uma briga monumental com o prefeito da cidade, que eu não ajudara a botar, havia praticamente dois anos.

Eu sabia que aquilo era uma grande bobagem, uma enorme insensatez, pois aquela briga que eu começara sozinho, definitivamente, ia terminar também sozinho, remoendo meus calos e roendo minhas unhas, já que ninguém queria ou iria se arriscar a brigar diretamente com o mais alto mandatário de uma cidade pequena, sabendo das retaliações que poderiam advir. Mas eu estava pouco me importando para aquilo. Na minha inocência cabotina eu escolhera me chocar de frente com quem quer que fosse que tivesse depredando uma cidade histórica que eu, na minha santa e cabulativa inocência, acreditava que também me pertencia; e, já que os políticos de plantão nada faziam, ou só destruíam o que já estava feito há muitos anos, séculos até, eu iria gastar o que restava da minha não tão jovem juventude de 39 anos, enquanto eles, os políticos de plantão, eu sabia, ficavam em casa torcendo freneticamente para eu me foder.

No trabalho, as coisas iam de mal a pior. O juiz, novato na cidade, resolvera implicar comigo. Primeiro, com a minha assinatura, com firma reconhecida há mais de quinze anos, mas que ele achava que não era de

uma pessoa séria e, por duas vezes já me chamara na chinha e eu respondi cinicamente que a mudaria, pois aquilo não tinha a menor importância para os problemas da cidade nem os problemas mundo. E a mudei. Comecei a escrever meu nome em letras de formas. Ele também não gostou; daí pra frente nossa relação, já que a cidade não possuía um promotor, que tinha que vir de outra cidade para fazer os júris, pois eu não era advogado, ficou azedada e ele pediu meu afastamento do cargo.

Mande esse negro se foder, de vez. Ele é muito boçal. Diziam alguns amigos que queriam ver a minha caveira. Mas eu não tinha nada contra a cor dele; isso nunca me preocupara. A maioria dos meus ídolos era negra; tanto na música quanto no futebol; portanto, o meu problema com ele não era étnico; era funcional; e eu nunca iria misturar as coisas. Mas aquilo não era lugar nem era hora de pensar nestas bobagens cartesianas.

Era o quarto uísque que eu tomava, sempre em pé, conversando com um e com outro, pois não tivera dinheiro para comprar uma mesa e, fingindo-me de bom político e sociável, cumprimentava, quase que de mesa em mesa, todos que conhecia. Mas eu não estava só preocupado com o que iria fazer naquele novo ano alvissareiro para alguns e complicado para outros. Meus problemas, além destes, também estavam no meu bolso e nas minhas mãos. Eu só tinha dinheiro para mais uma dose de uísque. Depois, não saberia o que fazer, já que a nova noite se despedira da velha e vinha correndo buscar o seu novo espaço enquanto meu uísque corria pelas minhas veias, como se numa corrida de obstáculos, onde eu sabia que jamais chegaria ao final que era o amanhecer daquele novo dia daquele novo ano, com grana para saciar minha sede, pois sabia que tinha corpo para mais umas três ou quatro doses, talvez mais, sem perder o equilíbrio.

- Velho Roma! Velho Roma!

Velho Roma era a forma, mais ou menos carinhosa, que alguns amigos costumavam me chamar. Mas eu não ouvia. De repente, um dos garçons, trajando calça preta e camisa branca de mangas compridas, que era o uniforme do clube, com uma bandeja na mão e uma pequena toalha de rosto, para enxugar as mesas, dobrada sobre o braço, me toca nas costas e diz que alguém, desesperadamente, do lado de fora, está me chamando.

- A mim? – Pergunto meio irritado e até puto, já que àquela hora da noite, naquele último dia do ano, não era hora de se aborrecer ninguém com problemas. – O que é que ele quer?

- Não sei. Mas ela pede que você vá lá fora um instantinho, só um instantinho, que ela quer falar com você uma coisa urgente e importante. E tem que ser agora. – Diz o garçom, preocupado em não derramar a cerveja que servia numa mesa ao lado.

- Ela? – Estranho.

- Sim. Ela.

- Você a conhece?

- Não, nunca a vi. Mas está meio apreensiva. Parece mesmo que é urgente e só quer falar com você.

O que uma mulher queria comigo num dia daqueles, uma hora daquelas? Dar pra mim? Não deveria. Se assim fosse, o mais lógico seria que estivesse ali dentro tentando me conquistar. Seria feia? Bonita? Gorda? Magra? Baixa? Alta? Mas aquilo, naquele momento, não importava. Minha cabeça que não pensa, estava momentaneamente adormecida, descansando para jornadas futuras. Mas que diabos queria uma mulher comigo uma hora daquelas?

Não deveria ir. Mas fui. Contrariado, mas fui. Afinal, quem estivesse chamando alguém, desesperadamente, numa hora daquelas em que todo mundo só pensa em se divertir, só poderia ter problemas e dos grossos, ou, pensei, alguém que estivesse me procurando simplesmente para colocá-la para dentro da festa, porque não tinha dinheiro.

Enquanto eu ia me dirigindo à porta de saída, outras pessoas vinham me dizer que uma mulher, lá fora, estava há algum tempo perguntando por mim e querendo falar comigo. Mas só me diziam isso. Não me davam mais detalhes. Quando cheguei à porta, demorando um pouco para cumprimentar ou falar com um ou outro que encontrava no percurso, umas três ou quatro daquelas pessoas que não conseguiram entrar na festa, até meio preocupadas, me conduziram a uma pessoa que de longe, meio no escuro, não dava para distinguir direito. E fui rápido. Queria me livrar logo daquele problema e voltar para aqueles outros que deixara lá dentro, onde poderia me esconder deles e de mim, muito bem.

Ela estava um pouco de lado e a pouca iluminação não deixava ver direito o seu rosto, nem maiores detalhes. Mas um em especial chamou minha atenção, mesmo de longe: ela vestia um vestido claro, longo, mas não de festa; tampouco parecia uma bata hippie da longínqua década de 1960. Mas que me importava como aquela figura estava vestida? O que me importava, importunado que estava, era resolver seja lá o que fosse e voltar para o meu fuzuê, onde mesmo rodeado por centenas de alegres e festivas pessoas, eu sabia que estava sozinho, acompanhado do meu regado copo de uísque que teria que enrolar, para não voltar pra casa mais cedo, pois a grana estava curta; muito curta, para me embriagar.

Quando alguém gritou “senhora”, ela, quase que maquinalmente, mas com um gesto preciso, mas não mecânico, firme, educado, virou-se pra mim. Acho que naquele momento, não sei se pelos modos educados e firmes dela ou por mais alguma coisa, senti que gelei. Alguma coisa parecia atravessar o meu peito e parar na minha garganta, enquanto meus olhos, já mais acostumados com a meia luz daquela quase escuridão, pararam meio estupefatos. Aquela figura que se me afigurava uma senhora que eu nunca vira, com passos rápidos, firmes e elegantes, apesar de mancar um pouco e ser apoiada por uma bengala, se aproximava de mim e,

como se me conhecesse há muito tempo, com um carinho moderado que só as mães ou as pessoas mais chegadas sabem ter, mas com uma preocupação latente, segurou na minha mão e, delicadamente, enquanto me arrastava para um ponto mais longe da barulheira infernal daquela orquestra e dos gritos das pessoas lá dentro, disse:

- Velho Roma, eu preciso falar com você. Preciso da sua ajuda.

Gelei com aquele tom de voz. Não me parecia o tom de uma pessoa desesperada, mas o de uma pessoa determinada que simplesmente queria o meu apoio para o que fosse que estivesse acontecendo. Meio assustado, não pela figura, mas pelo tom pedinte e determinado da voz, foi que olhei diretamente no seu rosto, nos seus olhos. O rosto era o de uma pessoa velha, mas não enrugada; os olhos pareciam ter um brilho estranho, momentaneamente estranho, mas determinados e fixos em minha figura meio patética por causa de tudo aquilo. Mas não eram olhos velhos!

O que viera à minha cabeça, inclusive uma vontade de mandá-la à merda ou à puta que pariu por ter-me tirado da minha festa particular, que poderia simplesmente embotar-se, virou um liquidificador descontrolado. Eu simplesmente não sabia o que pensar nem o que dizer! Aquela figura soturna, longilínea, razoavelmente alta e branca, muito branca, mesmo com a fraca luz, parecia penetrar todo o meu corpo ainda intumescido com o choque. Seus cabelos, completamente brancos, estavam displicentemente presos como se não fossem preparados para uma festa, mas, cuidados para sair à rua rapidamente, como alguém que se ajeita rapidamente para atender à porta a uma pessoa não esperada naquele momento.

Seu vestido, se é que se podia chamar aquilo de vestido, estava bem limpo e parecia engomado; mas havia algo estranho que a minha mente, razoavelmente perturbada, não sabia configurar. Era de um corte estranho e ia quase até seus pés, só deixando o tornozelo à mostra. Mas não parecia com nada que eu tivesse visto, mesmo com os hippies da década de 1960, que eu convivera. Tinha um corte e um tecido diferentes. Mas, como eu não entendia nem de cortes nem de tecidos, não podia me ater a esses detalhes figurativos.

Ela, sentindo o meu desconforto, educadamente e com muito tato e sensibilidade, como se não quisesse que eu me entorpecesse ou saísse dali esbaforido, segurou nas minhas quase trêmulas mãos e disse quase que candidamente.

- Você tem que me ajudar. Só você pode me ajudar, Velho Romeu.

Aquilo, dito daquela maneira e com aquele tom de quase sofrimento, mas não de desespero, me deixou além de curioso e amolecido, muito perturbado.

Minha Mãe do Céu, o que estaria acontecendo com aquela senhora que, embora parecesse velha, não parecia ser tão velha assim? Tinha, sim, para mim, naquele momento, uma idade indefinida que eu sequer ousava

adivinhar! Mas a sua voz não era a de uma pessoa velha. Muito pelo contrário, parecia a de uma jovem adolescente, como a de quase todas as adolescentes que eu conhecia. Só, que tinha mais verve!

- Por favor, senhora, diga o que quer? O que a perturba? – Perguntei-lhe, por perguntar, sem mesmo saber o que estava perguntando nem por quê.

Ela me olhou muito candidamente, passou as mãos, ligeiramente, nos meus longos cabelos e me fitou nos olhos como se estivesse pedindo uma confirmação daquele seu pedido que eu ainda nem sabia qual seria.

- Sabe aquela casa grande no Paquetá que todos chamam Solar dos Martírios? Estão tentando derrubá-la.

- O quê? – Perguntei sem entender direito o que estava ouvindo, mesmo sabendo o que ela estava dizendo. – Aquela casa grande, da esquina da rua de Quintino, onde morreu Josephina, a moça da Cova da Moça?

- Sim. Estão derrubando-a.

Quando ela falou isso, notei que sua voz estremeceu um pouco.

Aquela mulher só poderia estar doida! Me chamar a uma hora daquelas, em plena celebração do réveillon, pra me dizer uma besteira daquelas! Mas uma coisa me intrigava: quem era aquela senhora, elegante e até bem articulada, embora me parecesse tímida, que eu nunca vira? Seria uma nova moradora da cidade? Uma simples turista preocupada com a preservação histórica e arquitetônica da cidade? Perguntas eu me fazia, mas também sabia que não teria resposta nenhuma se não conhecesse seus verdadeiros propósitos.

- Não se assuste, não, Velho Romeu, pois sei que está assustado e não está acreditando em mim, uma pessoa que você nem conhece, que vem lhe tirar de uma festa, no meio da noite, pra lhe trazer um problema destes; mas eu sei que ele também é seu, pois li várias crônicas que você escreveu nos jornais, brigando contra o prefeito local por ele não respeitar coisa nenhum; principalmente os patrimônios artísticos, folclóricos, culturais e arquitetônicos desta velha cidade.

Eu olhei pra ela meio assustado. Que diabos queria aquela senhora que eu nunca vira na vida, com aquela conversa de derrubada da casa? E ela continuou.

- Na sua última crônica você denunciava o prefeito Valdivio Costa por ter mandado derrubar as ruínas da igreja da Glória, a primeira da América Latina. Por isso, vim lhe procurar...

- Mas agora? – Atalhei.

- Sim, agora. Pois isto está acontecendo agora, neste momento!

Caramba! Será que endoidara? Ou já era doida? Mas, sua certeza e sua segurança me faziam acreditar um pouco naquilo que estava dizendo. Embora eu não a conhecesse, aquilo fazia sentido. E comecei a me lembrar que tanto a casa do ex-prefeito quanto a Lagoa das Marrecas, e isso não

fazia tanto tempo assim, foram feitos na calada da noite, pelo prefeito, sem que ninguém soubesse, para não interferir ou impedi-lo.

- A senhora tem certeza do que está dizendo? – Perguntei-lhe incisivamente, enquanto olhava bem e fixamente para suas feições que eu já nem sabia analisar, mas sentia que se ela não fosse uma boa atriz, aquilo, pelo menos lá no fundo, tinha mexido comigo, pois fazia sentido, já que o prefeito era bem capaz de destruir mais um monumento arquitetônico da cidade, do início do século XIX, com suas grandes portas e seus janelões com vidros losangados que, embora tombado pelo patrimônio histórico, estava há algum tempo em péssimas condições de conservação e nem a prefeitura ou o Estado ou seu próprio dono, se dispunham a preservá-lo, não só pela sua arquitetura, mas pelo seu histórico. Afinal ali, em 1852, tinha morrido uma moça, que muita gente não sabia como e, por isso era visto por alguns como um casarão mal assombrado. Muitas pessoas, principalmente as mais antigas da cidade, tinham até medo de passar à noite, por ali.

-Você tem que se apressar. – Disse-me ela, quase implorando. – Pois a coisa está acontecendo agora, nesse momento, na calada da noite, para ninguém tentar impedir. Vá lá e veja se você consegue impedir. – Parou um pouco e disse, candidamente: Por favor.

Aquilo, não me assustou. Mas me deixou, momentaneamente, um pouco paralisado. Seria verdade? Se fosse, era mais um ato de barbaridade que aquele tiranossauro estaria cometendo contra o patrimônio da cidade. Filho da puta!

Olhei para minha moto que estava estacionada a poucos metros dali e, não sabendo verdadeiramente o que estava sentindo ou o que poderia fazer no caso daquilo ser verdade, resolvi ir até lá. Afinal, não era longe; era pouco mais de quinhentos metros, ou um pouco mais, dali; e isso não deveria demorar muito. Logo, logo eu estaria de volta à mesmice da minha vida não articulada. Dez, quinze minutos?

- Vamos comigo, até lá. – Falei, por falar, mas sabia que com a idade que ela tinha ou com a que aparentava, dificilmente iria pogar na garupa de uma moto.

Ela olhou pra mim e, mais estranhamente para a moto e, com um gesto negativo de cabeça e falando baixinho, quase para eu não ouvir, disse.

- Não. Eu estou muito velha para montar nessa geringonça. Prefiro ficar esperando o resultado. Mas por favor, vá rápido; se não, você não vai encontrar mais nada de pé.

Dizendo isso, se afastou um pouco da claridade da luz enquanto eu ligava a moto e tentava ir para um local que conhecia de sobra, mas sabia muito pouco sobre ele. Muitos e confusos pensamentos sobrepunham-se na minha mente clareada por algumas doses de uísque ainda não terminadas.

Se fosse de carro, eu diria com muito silogismo que fiz a primeira curva em apenas duas rodas; mas de moto, seria redundância demais.

Nem bem cheguei perto do estádio municipal, na rua Bernardo Spector, vi um movimento estranho para aquela hora da madrugada, num dia daqueles onde a maioria das pessoas ou estava em casa ou nos clubes, em reuniões familiares e de amigos. Mas o que vi me assustou. Além de uma caçamba, tinha uma patrol, com uma luz acesa, como se fosse dinossauro, soltando fogo pelas narinas, queimando toda a parede da frente, já com sua porta e seus janelões no chão, de onde saiam nuvens de poeiras. Caralho! Gritei, só para mim mesmo, que até me assustei com o grito só em pensamento! Virgem, santíssima! Aquilo era verdade. O que aquela estranha e desconhecida senhora tinha me dito, estava acontecendo... e na calada da noite, para ninguém tentar impedir.

Acelerei mais ainda, mesmo já estando bem perto e, se tivesse feito um movimento mais brusco, cantando pneu e displicentemente virado o guidom, iria aterrissar de cara no chão. Freei a moto quase fazendo um cavalo de pau, tanto era a minha fúria e a minha ânsia. Aquele filho de uma puta daquele prefeito era doido mesmo e armara tudo direitinho, na calada da noite, para que ninguém o impedisse e as reclamações não tivessem, porque não poderiam, ter mais efeito nenhum, no outro dia que raiaria. Desliguei a moto e saltei sem nem ao menos colocar o descanso. A moto tombou lentamente enquanto eu, esbaforido, corria para o cerne da cena. Parem! Parem! Parem! Gritava desesperado na esperança de ser ouvido, mesmo com a zoada dos motores do trator e da caçamba, mas ninguém parecia ou queria me ouvir.

Os homens estavam furiosos e pareciam apressados para terminar aquele trabalho o mais cedo e breve possível. Não podia esperar por uma atitude sensata de nenhum deles; afinal, sabia que eles eram funcionários da prefeitura e, mesmo a contra gosto ou não, estavam ali cumprindo ordens e não importava se aquelas ordens eram justas, sensatas ou estapafúrdias; elas tinham que ser cumpridas; muitas vezes, em detrimento do seu próprio emprego. E ninguém queria perder o emprego por causa de uma bobagem daquelas. Só me restava uma coisa a fazer e fiz: quando a caçamba estava dando ré para se chocar com a parede e botá-la no chão, corri e me interpus entre a caçamba e a parede na esperança do caçambeiro parar aquela loucura despropositada com aquele patrimônio que não estava prejudicando ou interferindo na vida de ninguém.

Ainda tentei gritar para ver se o homem parava, mas ou não deu tempo ou ele não ouviu ou fez de propósito. Não sei. A última coisa que me lembro foi de receber uma forte pancada da caçamba na cabeça e cair estatelado no chão. Naquele momento, se alguém me dissesse que tinha sido bobagem, estupidez ou falta de senso, eu pouco estava ligando. Estava me lixando. A última coisa que me veio à mente foi a figura exótica da

daquela senhora que eu não conhecia e nem conseguia definir a idade ou conhecia os seus verdadeiros motivos, com aquela voz quase embargada, me pedindo para não deixar que aquilo acontecesse. Mas como foi que ela soubera daquilo, se ninguém sabia ou me avisara antes? Quem seria afinal aquela mulher? De onde vinha e o que queria com aquilo? A caçamba bateu e eu caí.

Quando acordei, ainda com uma forte dor na cabeça, senti que uma mão jovem e suave passava um pano molhado na minha testa, talvez limpando o sangue ou a poeira que era muita quando da derrubada do casarão. Abri os olhos, sob uma luz fraca que eu não saberia dizer, no momento por que, e vi uma figura feminina, embora a fraca iluminação não desse para divisar direito, debruçada sobre o meu corpo estendido numa cama.

Deus do céu! O que teria acontecido? Tudo me doía. Era como se eu tivesse levado além da pancada na cabeça, uma surra. Me lembrava vagamente de tentar colocar os braços na frente, para amenizar a porrada da caçamba, mas não tivera tempo. Não sabia onde estava. Estava quase escuro; a luz que tinha não dava para eu ver ou distinguir praticamente nada. Só sabia que estava numa cama, num quarto, e que tinha sono. Muito sono.

- Durma um pouco. Amanhã você estará melhor.

Aquela voz não me era completamente desconhecida; só que eu não me lembrava de onde a tinha ouvido. Mas me parecia uma voz amiga, jovial, saudável, educada e, acima de tudo carinhosa e confortadora. Eu estava muito cansado e ainda dolorido para pensar em tudo aquilo naquele momento. O melhor mesmo a fazer era seguir os conselhos dela e dormir. Amanhã seria outro dia e eu, já com a mente em pleno funcionamento e em dia, resolveria tudo ou, pelo menos, tentaria. É, vamos esperar para amanhã. Virei para o outro lado e adormeci ainda sentindo, mas bem lá longe, uma mão carinhosa e leve passar um pano pela minha frente.

Acordei no outro dia, bem cedo, com o sol ainda escondido, embora fosse verão, com uma bruta dor de cabeça e um dos braços ainda me doendo. Tentei movimentá-lo para ver se tinha quebrado alguma coisa e vi que nada tinha acontecido com nenhum dos dois. A luz que entrava no quarto através dos vitrais de um dos janelões do quarto era quase nenhuma; por isso, eu sequer sabia direito onde estava. Mas me lembrava direitinho o que tinha acontecido comigo. Lembrava detalhe por detalhe, desde a festa de réveillon, de ser chamado por uma mulher que eu não me lembrava se era velha ou moça, da corrida de moto e da caçamba me batendo na cabeça. Aquilo me vinha à cabeça como um filme technicolor, apesar da escuridão do quarto. Mas era um quarto estranho. Isso eu sentia e sabia também que nunca havia estado ali antes. O quarto de um hospital não me parecia ser,

embora eu me lembrasse vagamente daquela moça, meio alourada, que deveria ser uma enfermeira, tentando me acalmar e cuidando de mim.

De repente, a porta se abriu quase junto com os primeiros raios de sol e uma voz que me parecia estranha me chamou pelo nome e perguntou se eu estava melhor. Aquela voz, eu tinha certeza, nunca ouvira antes. Mas ele estava me chamando pelo nome, como se não só me conhecesse, mas como se tivesse, verdadeiramente, alguma intimidade comigo. Embora ainda dolorido, dei um pequeno sobressalto da cama tentando me recostar na cabeceira para ouvir melhor e tentar entender aquilo tudo. Quando o homem chegou mais perto, vi que era um negro, que eu nunca vira na vida, bem trajado, mas com roupas que não me pareciam da moda, me perguntando como eu estava.

Quem era aquele homem que me conhecia e parecia ser íntimo? O que estava fazendo ali e me tratando com a intimidade de me conhecer há muito tempo? Que casa era aquela e o que era que eu estava fazendo ali? Afinal, eu era uma pessoa razoavelmente conhecida na cidade e, o mínimo que poderia me acontecer depois de todo o acidente, era terem me levado para casa ou para o único e pequeno hospital da cidade onde eu conhecia todos os médicos. Mas aquele homem que estava ali, na minha frente, era completamente desconhecido e não se parecia, em nenhum momento, com um médico tratando de um paciente enfermo ou, quando nada, acidentado, que era como eu, com a minha ainda lucidez, me sentia.

O homem pegou uma cadeira e, com gestos lentos e educados, sentou-se ao meu lado, encostado à cama. Os primeiros raios solares agora iluminavam o quarto por inteiro; mas alguma coisa estava errada. Apesar de o quarto ser bem arrumado e ter móveis novos e de certa qualidade; aliás, de muita qualidade, coisas de pessoas de posses, requinte e bom gosto, aquilo me parecia muito estranho. A maioria daqueles móveis e utensílios não parecia com nada do que eu conhecia das casas da cidade. Onde diabos estava eu? Quem era aquele homem que, sentado ao meu lado, começava a puxar conversa como se me conhecesse há muito tempo e, pelo visto, me conhecia mesmo, pois me cobrava coisas de cartório, coisas do fórum onde eu trabalhava, mas eu não me lembrava de tê-lo visto na vida.

Apalpei novamente todo o meu corpo e, fora as dores, tudo continuava no lugar. Fiz alguns testes de memória e vi que tudo em mim ainda estava vivo e atuante. Eu não sofrera um processo de amnésia. Mas o que era que estava acontecendo comigo? De repente, a porta se abriu novamente e, banhada pela luz do sol ainda meio zonzo e virginal, descortinou-se, a figura de uma mulher linda e loura, que o sol fazia ainda mais ao banhar seus cabelos e o corpo esguio, com passos largos e firmes, vestindo um traje que eu nunca vira na vida normal, exceto em filmes que retratavam o século XIX, com alguma coisa nas mãos que o reflexo do sol não me deixava ver direito e perguntando educadamente:

- Como está ele? Como vai o nosso paciente, senhor meu marido?

Aquela voz, eu tinha certeza que conhecia. Não me lembrava de onde, mas era de muito pouco tempo atrás, pois ainda estava bem viva na minha memória. Acho que a pancada na cabeça não tinha feito muito estrago, mas ainda estava me deixando confuso. Alguma coisa ainda não estava muito clara na minha mente ainda embaralhada. Mas eu sentia que estava bem. Todas as perguntas que eu me fazia, meu consciente resolvia. Mas alguma coisa estava estranha; muito estranha. Andréia? Me perguntei, olhando para aquela loura e esguia figura que os raios do sol matinal iluminavam, fazendo dela alguma coisa figurativa que mais me lembrava os quadros pintados pelos grandes mestres renascentistas. Mas alguma coisa estava errada. Quando a linda mulher se aproximou um pouco mais de mim, vi que de maneira nenhuma poderia ser Andréia, apesar da aparência desfocada por causa dos raios solares.

Andréia, com toda a sua alegria juvenil, tinha vindo estudar em Poreguro e eu, com a minha tesão desenfreada, mas sem sucesso, gostava de dizer pra ela que a minha maior vontade era colocá-la todo dia de manhã, nuazinha, depois de uma noite desenfreada de amor, e pintar seus pelos pubianos cada dia de uma cor, só por que eu achava que a sua lourice os faziam quase transparentes; depois eu os descoloria com minha língua molhada de cuspe. Ela ficava molhadinha! Mas, por causa da minha falta de grana e da minha enorme timidez e um pouco de estupidez, ela não me esperou e terminou se casando com um gringo que eu sabia que não gostava de mim por causa do carinho que ela ainda me dedicava, mesmo depois de casada.

Mas aquela mulher que entrara naquele aposento, naquele momento, era um pouco mais jovem, mais alta, e mais loura, muito mais loura que ela, vi depois. E eu, que sempre brincava com os pelos pubianos de Andréia, dizendo que a minha maior vontade era pintá-los de várias cores diferentes, para dar-lhes nova vida, fiquei por alguns instantes paralisado, olhando a cor daqueles cabelos que, de tão louros, poderiam ser quase transparentes!

Assustado, resolvi me levantar e vi que estava com uma roupa que não era a minha e que fugia, sobremaneira, aos meus padrões de vestuário e aos que eu estava acostumado a ver. Puta que pariu! Que diabo era isso? O que estava acontecendo comigo que, embora consciente, fugia aos meus padrões de normalidade? Não! Alguma coisa não ia bem. E não deveria ser somente a forte pancada na cabeça que estava me afetando. Tinha algo mais e muito estranho!

Quando me levantei, fiquei meio envergonhado vestindo aquele desconfortável chambrão, meio branco ou quase amarelado, não dava para divisar bem, na frente daquela moça de beleza estonteante e vestida também com um padrão anormal para os meus padrões de conhecimento.

Coisa que eu só via em filmes de época, do século XVIII e XIX. Onde eu estava? O quê estaria acontecendo comigo? Eu tinha perguntas, mas não tinha respostas. Alguma coisa estava errada; e muito errada. Sonho, eu sabia que aquilo não era, pois me lembrava direitinho do que tinha acontecido comigo na noite anterior; tanto, que ainda sentia o corpo meio dolorido e, passando a mão na cabeça, pude sentir o imenso galo que a carroceria da caçamba fizera na noite anterior.

- Como está ele, senhor meu marido?

Senhor meu marido? Que conversa era aquela de uma jovem mulher chamar seu marido de “senhor meu marido?” Eu conhecia o marido de Andréia e sabia que era louro, pois descendia de alemães ou austríacos, não sabia bem; então, quem seria aquele homem negro, vestido elegantemente com um terno de listas e uma coisa que me parecia um suspensório, que eu via através do paletó desabotoado. Mas eu nunca vira aquela pessoa na minha vida. Quem seria? O quê estaria fazendo ali, sentado à minha frente, naquele quarto diferente e completamente estranho para mim? Ele tinha uma figura rígida, mas não assustadora, uma figura de quem sabia quem era, o que queria e queria que todos soubessem disso.

Ela se aproximou e colocou sobre uma mesinha alguma coisa que trazia nas mãos que não dava pra eu saber o que era. Meio desconcertado com tudo aquilo, quase tropecei num urinol que estava quase embaixo da cama. Urinol? O quê estaria acontecendo? Urinol era uma coisa que há muito tempo não se usava mais e eu nem sabia se ainda o fabricavam. Puta que pariu? Que porra era essa? Onde era que eu estava e quem eram aquelas duas pessoas que eu nunca vira que estavam ali, cuidando de mim. Minha cabeça ao invés de dar um branco, fez um reboliço. Alguém precisava me explicar tudo aquilo.

- Está se sentindo melhor? – Perguntou o homem, se levantando da cadeira e dando espaço para eu passar.

- O quê está acontecendo? – Perguntei meio desconfiado e assustado.

- Ontem à noite nós ouvimos um barulho e um grito lá fora; e o senhor meu marido, o magistrado Chaves, foi ver o que era. O encontramos desacordado, caído aqui na porta de casa.

Chaves? Quem era Chaves? Eu não conhecia ninguém com esse nome, na cidade.

- Como assim? – Perguntei.

- Você não se lembra de nada, Romeu, parece que a pancada lhe afetou mesmo?

Como aquele homem, totalmente desconhecido pra mim, sabia o meu nome? Quem era e o que fazia? Mas antes que eu lhe perguntasse qualquer coisa, ela atalhou.

- Mas você parece estar bem melhor. – Falou com uma voz tão cândida, que eu quase me perdi. – Deve ter sido por causa da bebida, da

festa de ano novo. – Disse ela, quase rindo e querendo me consolar por ter achado que eu embebedara e dera com a cara no chão. Mas o galo era na cabeça! Pensava eu, espantado com tudo aquilo.

Olhei para os dois, meio ansioso e desconcertado; mas ela, tentando me acalmar disse ainda que eu não precisava me preocupar.

- Afinal, hoje é feriado. E, no primeiro dia de um novo ano a gente tem mesmo que comemorar e esperar que ele sempre nos traga muitas coisas boas. Aliás, antes que me esqueça, feliz 1852 para você...

O que ela falou ou ia falando depois eu não ouvia ou não queria ouvir. Endoidara! Só podia estar doida ou trocando as bolas, me desejando um feliz 1852, quando de verdade a pancada tinha sido na minha cabeça, não na dela!

- Como 1852? – Perguntei meio ansioso e um pouco assustado, querendo uma resposta simples, rápida, imediata e explicativa para aquilo tudo.

- Sim! Já estamos em 1852. 1851 ficou prá trás. Acabou ontem; e a sua comemoração parece ter sido tão grande que você deve ter caído do cavalo e batido a cabeça no chão. Sua sorte foi que caiu bem aqui na nossa porta e nós o colocamos, inconsciente, para dentro. O animal, nós não o encontramos, mas deve estar pastando por aí. Depois você o encontra. – falou, tentando me tranquilizar.

Cavalo? Eu nunca tive um e sequer sabia montar. Nunca havia montado em minha vida. Alguma coisa estava errada e muito errada. Eu olhava para os dois desconhecidos, sem entender nada. Tinha certeza absoluta que não conhecia nenhum deles. Eu não falava nada. Mas meus olhos, acho que naquele momento, diziam tudo.

- Calma. – Falou-me ele, com muita calma. – Você ainda deve estar com restos da bebedeira de ontem à noite na cabeça. Afinal, era noite de ano novo! Eu vou refrescar sua memória. Sou o Magistrado Chaves, com quem você trabalha e essa é minha esposa Josephina, de quem você e toda a cidade ouviram, nestes últimos meses de espera, eu falar tanto. Ela chegou ontem de navio e ainda não tivemos tempo de sair para apresentá-la à sociedade local. Mas agora você está diante dessa minha mais mimosa flor.

Com quem eu trabalhava? Que piada era aquela? O que estaria acontecendo com ele e comigo? Eu sequer o conhecia. Nunca o tinha visto antes em toda a minha vida! Como poderia trabalhar com ele? Mas ele parecia saber do que estava dizendo. Nada daquilo se encaixava na minha cabeça que eu sabia, mesmo com a pancada da noite anterior, estava funcionando muito bem. Alguma coisa estava errada comigo e com tudo aquilo e eu precisava descobrir, imediatamente, o que era. Tinha que haver um meio de sabê-lo, embora eu não soubesse ainda qual era.

Aquela maneira de falar, com aquelas palavras, não se usava há muito tempo. Chaves? Josephina? Que porra era essa? Com quem eu estava falando e quem estava falando comigo? Que conversa era aquela? Onde era que eu realmente estava? Olhei para os dois, meio assustado e saí daquele quarto só iluminado, vagamente, pelos raios solares que penetravam pelas duas grandes janelas de vidro, tentando me localizar. Mas tudo ali era diferente de tudo o que eu conhecia. Cada coisa que eu olhava era completamente estranha para mim, que deixava transparecer na minha cara de apalermado e de dessituado. Olhei e vi um cabide, daqueles que eu conhecia de filmes antigos, mas sem nenhuma capa de chuva; mais na frente, um porta chapéus. Nada daquilo era do meu tempo, da minha época, mesmo a de menino.

Os dois só poderiam estar delirando, caçoando de mim. Nós estávamos em 1º de janeiro de 1985 e não em 1º de janeiro de 1852, mais de cem anos atrás. Estávamos na era de Elvis Presley, dos Beatles, dos Rolling Stones, de Frank Sinatra, de Brigitte Bardot, da Bossa Nova, das drogas sintéticas, da guerra do Vietnã, da Segunda Guerra Mundial, da bomba atômica, do Brasil tri campeão mundial de futebol, de Pelé, de Garrincha, da ditadura militar brasileira, dos hippies, das contestações, da evolução feminina, das pílulas anticoncepcionais, da energia solar, do homem na lua...

Mas notei que os dois também pareciam meio assustados; mais isso talvez fosse muito mais possivelmente pelo meu estado psíquico, devido à minha cara de espantado do que com o meu estado físico. Educadamente, os dois me acompanharam sem dizer uma palavra, enquanto eu deixava aquele quarto diferente, com uma roupa mais diferente ainda, mas que eles sequer tocaram no assunto. Se fossem quaisquer pessoas da minha relação pessoal certamente estariam me gozando pela maneira que eu estava vestido e pelo susto que deveria estar latente em minha cara apatetada. Menos de dez passos depois, eu me encontrei numa sala muito grande, com uma mesa também muito grande, com várias coisas colocadas em cima, como se fossem para o café da manhã. Mas ali também tinha algo estranho. Tanto a mobília, quanto os talheres que me pareciam ser de prata e da louça, importada de Macau e tudo o mais que cercava aquela sala, de onde se poderia ver a cozinha, tudo me era diferente e estranho. Muito estranho.

Olhando mais detalhadamente para as coisas que estavam dispostas naquela sala, vi que ali não tinha nada de tecnologia. Nem moderna, nem velha. Simplesmente não havia tecnologia nenhuma, por mais elementar que fosse, que são coisas imprescindíveis ao conforto desse nosso século XX. Num canto, mais afastado, um pote de água e um caneco pendurado em sua alça. Mais no fundo, um velho e grande fogão à lenha e vários feixes de lenha dispostos de uma maneira que pudesse facilitar a sua colocação no fogão. Jesus Maria José, onde era que eu estava? O que